

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE JUNHO DE 1983

European Nazarene
Bible College
Library

Honra a teu pai e a tua mãe,
para que se prolonguem os teus dias na terra . . .

— Êxodo 20:12



Falei há dias a um homem que desenha assentos para aviões. Alguns pormenores da sua ocupação escapam a tantos de nós alheios ao ramo.

Um deles é a referência constante às “dimensões médias normais” do corpo humano. Para o técnico, tais medidas são elementos inevitáveis no traçado e na comodidade a dar ao recheio da aeronave moderna. No seu gabinete de trabalho o homem usa manequins de tamanho natural e com articulações semelhantes às de qualquer pessoa. Disse ele que os assentos são calculados de tal forma que possam também ajustar-se a indivíduos que fujam à norma, por certa obesidade ou estatura superior à chamada “normal”.

O físico equilibrado tem sido o ideal de muitos povos. Gregos sublimaram-no com as honrarias olímpicas. A nossa época perpetua o mesmo princípio, promovendo desportos e competições internacionais.

Raramente, porém, temos no mesmo indivíduo a imagem do ideal traçada por Lucas, o médico-evangelista. Falando do Nosso Senhor, Lucas escreveu: “Crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (2:52).

Estamos aqui em presença do desenvolvimento conforme as normas de Deus: intelectual, físico, espiritual e social.

A pessoa equilibrada será, então, aquela que não descure qualquer dessas áreas, dando atenção exagerada a uma ou mais delas.

O crescimento intelectual é básico porque através dele aprendemos, deciframos e utilizamos informações vitais. O conselho do apóstolo Paulo a um jovem chamado Timóteo parece mais pertinente ainda nestes dias de entretenimento contínuo, frenético e barato. Paulo disse-lhe: “Persiste em ler, exortar e ensinar” (I Timóteo 4:13). Negligenciar o intelecto equivale a uma amputação custosa à sociedade, em geral, e ao indivíduo, em particular.

O crescimento físico dota-nos de estatura e força para as necessidades básicas da vida. A dieta equilibrada, o repouso do sono, o exercício e o asseio físicos, são requisitos básicos aos que não se desejam ver transformados em peso morto para a comunidade ou em carga enervante para si próprios. O mesmo Jesus que dava perdão de pecados, distribuía também pão e peixes, curava enfermos e exemplificava a disciplina física.

Entramos agora no terreno a que os religiosos dão mais ênfase — o espiritual. Se ele representa o que é eterno no homem e na mulher, merece atenção cimeira. Mas não no sentido de olvidar a pessoa total, considerando-a de pouca ou nenhuma importância. Se permitirmos que isso aconteça, veremos o recrudescimento da miséria física e intelectual, bem como o resultante menosprezo pela vida humana. Só isto explicará o fenómeno que ainda hoje testemunhamos de “execuções religiosas”.

Deus ama a pessoa inteira. A vida em Cristo afecta tudo e traz benefícios apreciáveis ao intelecto, ao corpo e ao espírito.

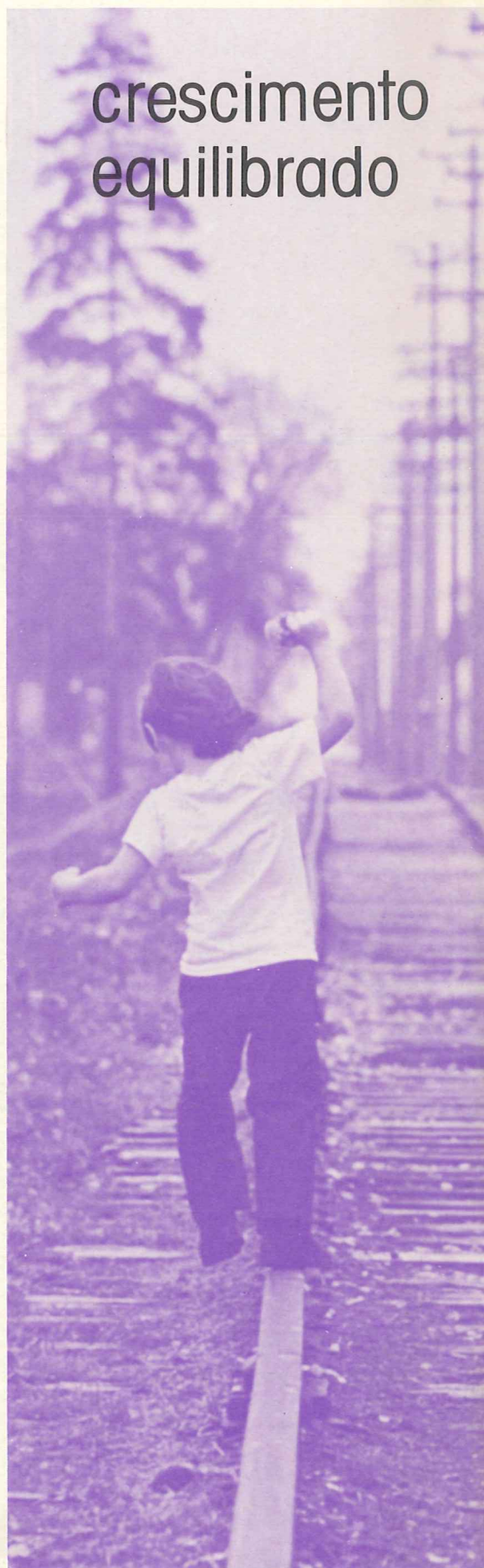
Também, segundo o padrão do desenvolvimento de Jesus Cristo, crescemos na área das relações sociais. O texto de Lucas lembra: “Crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens”.

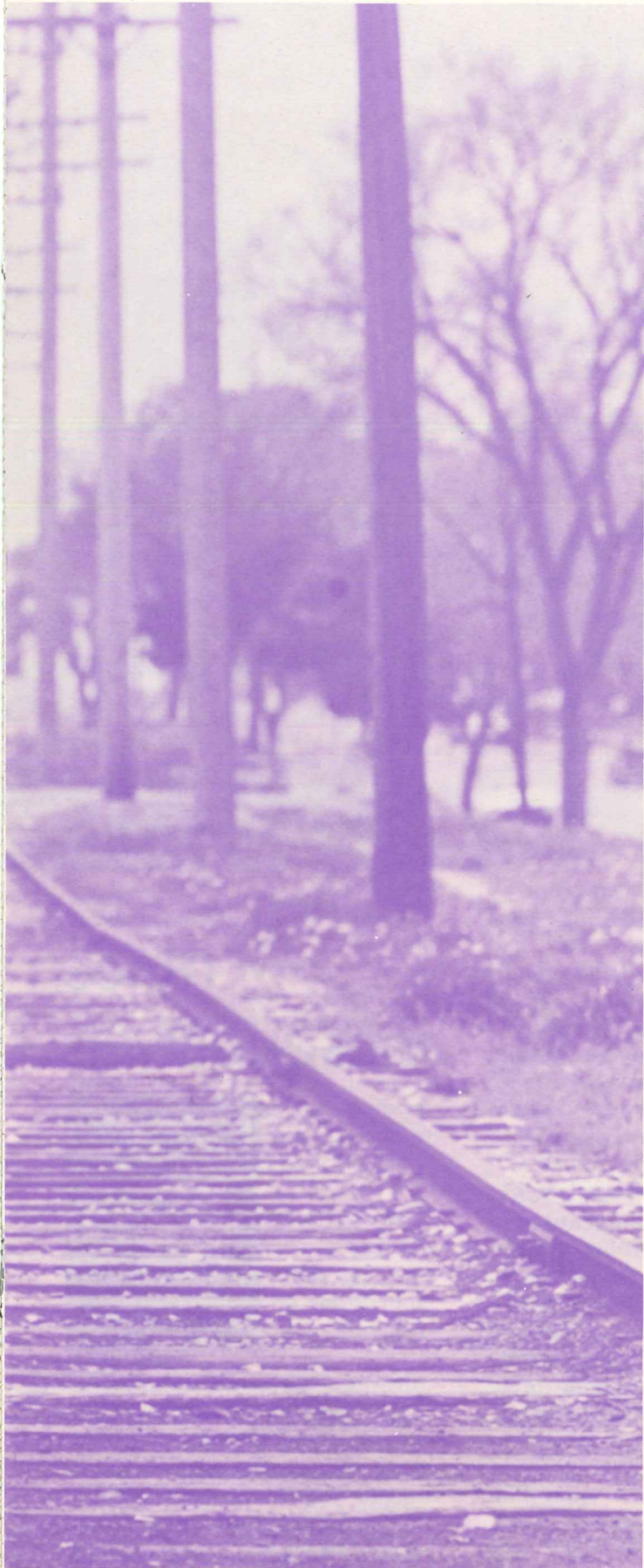
Notemos a última parte do versículo: “e os homens”.

O isolamento, a discriminação e a violência sociais são anti-cristãos. Em Deus achamos perfeita harmonia: o intelecto busca a verdade, o corpo cultiva a saúde, o espírito encontra a fé e descobre o privilégio da irmandade social. □

—Jorge de Barros

crescimento equilibrado





por que novos distritos?

Estabelecer áreas pioneiras em novas regiões do mundo e programá-las para que se tornem distritos o mais rapidamente possível, é o plano estratégico de Missão Mundial para o crescimento da Igreja.

O plano funciona da seguinte forma. Quando cresce numa área recém-aberta o número de líderes nacionais, as responsabilidades pelo crescimento da igreja passam para eles, enquanto vão diminuindo a presença e a orientação dos missionários. Logo que a área se torna distrito organizado e com maior participação local, começam-se a explorar regiões vizinhas ou outras parcelas desse distrito que se encontram, relativamente, por evangelizar. Se uma área parece promissora, designamo-la "área pioneira" e enviamos para lá missionários a fim de começarem o processo de desenvolvimento.

No mundo de negócios isto equivaleria à abertura de um novo território de vendas. Hesitei em fazer esta comparação para evitar falsas interpretações. Nós procuramos ganhar almas, não vender mercadoria. Não obstante, os princípios de crescimento e da expansão assemelham-se à estratégia de estabelecer a Igreja: novas áreas—novos contactos—novas pessoas convencidas da verdade daquilo que pregamos.

Cremos que "será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações" (Mateus 24:14). Certamente, isto abranja a população total do mundo e não apenas uma reduzida minoria de cada país.

Nos Estados Unidos e no Canadá aumenta o número de distritos. Agora também começaram a multiplicar-se noutros campos missionários. México, por exemplo, conta já com sete distritos; Perú, com quatro; Filipinas, com quatro; Brasil, com quatro; para só mencionar alguns. Na maioria destes países já há outras áreas para onde em breve serão enviados missionários com a finalidade de começarem o processo de evangelizar e organizar igrejas, culminando em distritos estabelecidos.

Estabelecer igrejas—ou estabelecer distritos—chamem-no como quiserem. Mas todo o esforço evangelístico se destina a ganhar tantas almas quanto possível para Cristo e para o Seu reino. □



—Jerald D. Johnson, Superintendente Geral

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XII
Número 12
15 de Junho de 1983

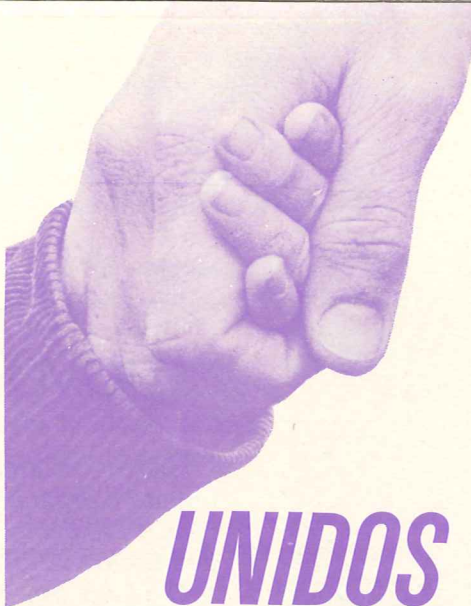
BENNETT DUDNEY,
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,**
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:
CAPA—D. Strickler
P. 2, 3—D. Gomes
P. 4, 5—H. Roberts
P. 6, 7—Family Films



UNIDOS

—Debbie Garrison

Um casal estava quase a dormir, quando ouviu passos no corredor. David, de 5 anos de idade, abriu com cuidado a porta do quarto e ficou de pé junto à cama dos pais.

"Que queres, David?"

"Nada, papá. Desejo apenas conversar um pouco".

O pai afastou os cobertores e David meteu-se na cama. Quando se sentiu mais aconchegado, disse: "Papá, gostei muito de segurar a tua mão diante da jaula do leão".

"Com certeza. Estavas com medo?", perguntou o pai.

"Tinha algum".

Passados minutos David continuou: "Papá, nós tivemos hoje um bom tempo juntos, não foi?"

"Certamente", respondeu o pai.

Então a mãe de David que escutara a conversa com atenção, segredou: "Também eu apreciei muito passar o dia contigo e com o papá".

Depois deram-lhe um beijo e ele foi para a sua cama. Em breve, dormia profundamente.

A união expressa-se em palavra ou gesto que vinculam o sentimento de se viver juntos. E quando isso assim acontece, ficamos melhor capacitados para enfrentar até as experiências mais assustadoras, como aconteceu ao pequeno David, porque aprendemos a segurar as mãos uns dos outros. Adquirimos, no convívio, força interior.

A união é capaz de nos levar a dizer no fim de cada dia: "Hoje tivemos juntos um tempo verdadeiramente maravilhoso". □

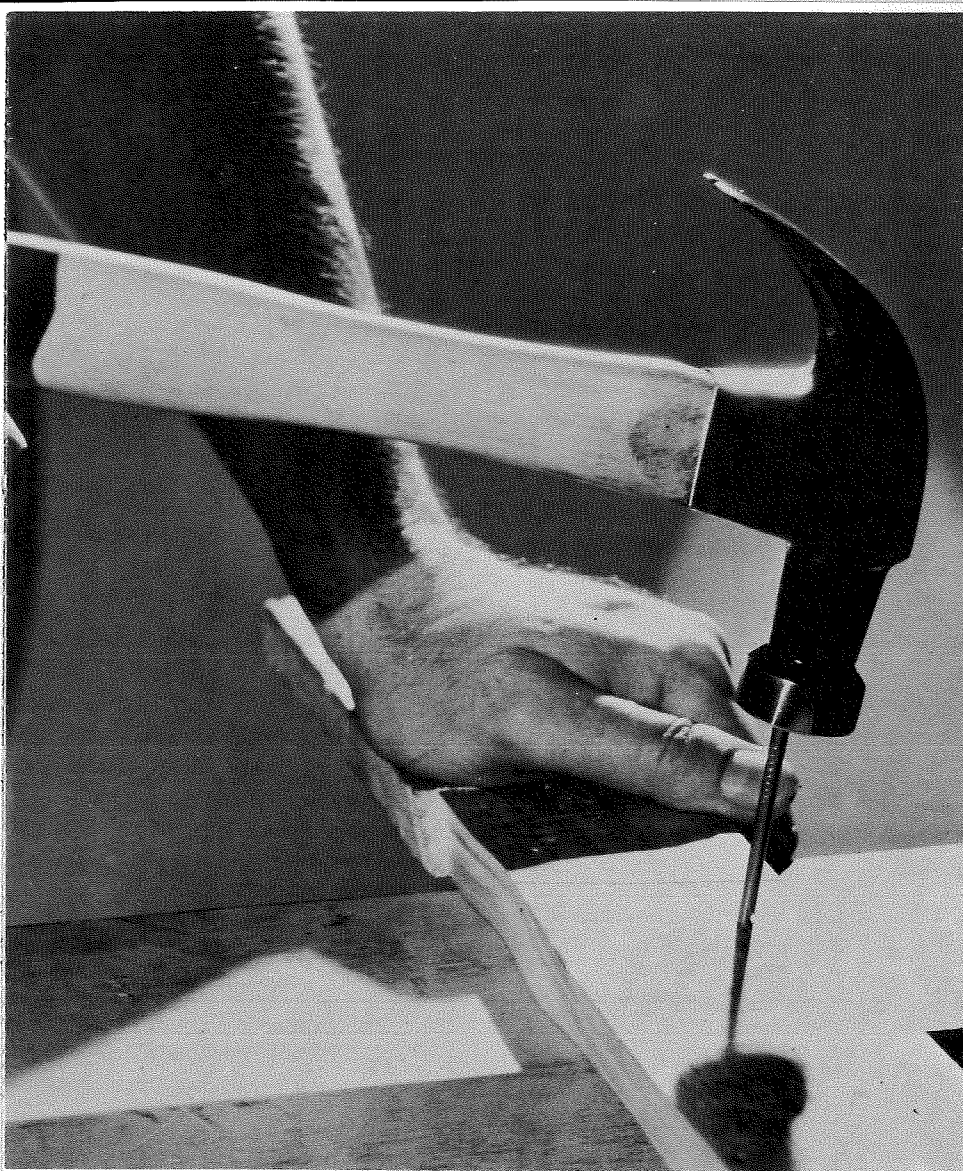
mãos inesquecíveis



—Mary E. Latham

O meu pai tinha uma figura impressionante. Era alto e de ombros largos. Suas mãos, fortes e ágeis.

Quando eu era criança admirava muito as coisas que meu pai



podia fazer. Observava-o a escrever, a traçar planos, a construir uma secretária para mamã e a desenhar outras peças úteis para o lar. No Natal deliciava-me com os lindos móveis de brincar que ele próprio fazia.

Ao vê-lo pregar no púlpito, pensava como as suas mãos eram capazes de fazer tanta coisa diferente!

Existem hoje muitas recordações tangíveis da sua mente inventiva e da destreza de suas mãos. Entre elas, há vários templos que ele ajudou a planejar e a construir.

Mesmo depois de aposentado, ministros jovens continuavam a pedir-lhe conselho para os seus programas de construção. Certa noite, depois de longa conversa com um pastor, eu ouvi-lhe dizer à minha mãe: "Ele estava tão an-

sioso que não tive coragem de lhe dizer que esperasse até arrecadar mais fundos. Prometi-lhe ajuda".

E fê-lo. O povo construiu uma linda igreja. Naturalmente, não foi essa a primeira experiência do meu pai em assumir uma tarefa que parecia impossível.

Semelhante projecto enfrenta sempre grandes obstáculos. Mas meu pai vislumbrava o futuro. O rebanho que ele pastoreava precisou com urgência dum edifício. Meu pai desenhou-o e a planta foi aprovada. Para iniciar, ele construiu pessoalmente uma casa de ferramentas no terreno vazio. Depois as obras processaram-se rapidamente. Em breve surgiu no local uma bela igreja. Parecia um milagre.

Hoje, essa igreja (depois de outros programas de construção)

tem a maior assistência do distrito à Escola Dominical e ao culto devocional. Ela ministra a centenas de almas.

Sim, as mãos de pai agarraram outras mãos. Tudo o que ele fez tinha como propósito alcançar mais pessoas com o evangelho da salvação completa.

Antes de partir para Deus, a última coisa que ele disse a minha mãe foi: "Se aprover ao Senhor dar-me vida por mais algum tempo, procurarei ganhar mais almas para Ele".

Ainda vejo com nitidez as mãos do meu pai a interceder e a procurar que as pessoas recebessem Jesus Cristo na sua vida.

Certa vez ele acabava de pregar à juventude uma breve e dinâmica mensagem. Tinha havido realmente uma discussão sobre a escolha do pregador para essa altura. Quem poderia manter a atenção numa audiência de idades tão variadas?

Alguém disse: "O Irmão Latham". E ele conseguiu captar a atenção de todos. O seu sentido de humor ajudou-o. Deu-lhes oportunidade de rir, de pensar e de decidir.

Suas mãos de súplica, tocadas pelo Espírito de Deus, ajudaram muitas vidas a se consagrarem ao Senhor.

Ao longo de anos, recebemos vários testemunhos preciosos. Como este que chegou há pouco tempo: "Creio que foram os jejuns e as orações de seus pais que me ajudaram a deixar o mundo e a aceitar Jesus".

Muitos outros serão salvos se continuarmos a buscar, a orar e até a jejuar.

Contemplo as mãos—de seu pai, de meu pai e de tantos outros pais dedicados—que acarinham os filhos e acolhem milhares de pessoas que precisam de Cristo.

Que as nossas mãos sejam rededicadas ao ministério de alcançar com o amor de Jesus aqueles que precisam de alguém genuinamente dedicado. □



—W. E. McCumber

Celebra-se em vários lugares onde chega *O Arauto da Santidade* o "Dia do Pai". Trata-se dum dia em que milhares fazem uma vez ao ano o que a Escritura ordena fazer sempre—"Honra a teu pai" (Êxodo 20:12). Naturalmente acrescenta "e a tua mãe", mas costumamos comemorar aparte o "Dia da Mãe". Talvez fosse demasiado para a sociedade honrar ao mesmo tempo o pai e a mãe.

Em todo o caso, fornece a data uma boa razão para considerar o significado de paternidade. No sentido mais amplo e completo, aprendemo-la não do nosso pai terreno, mas do celestial. Uma das promessas predilectas dadas por Deus encontra-se em II Coríntios 6:18—"Eu serei para vós Pai".

Na sua aplicação mais óbvia, é uma promessa de **procriação**. Ser pai significa gerar um filho. Como o apóstolo Paulo o exprimiu citando um poeta pagão: "Somos geração de Deus" (Actos 17:28-29). Como Criador, Deus é o Pai de Suas criaturas. No entanto, o conceito de procriação é usado num sentido mais específico. Deus é Pai daqueles que crêem em Jesus Cristo. Eles "não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus" (João 1:12-13).

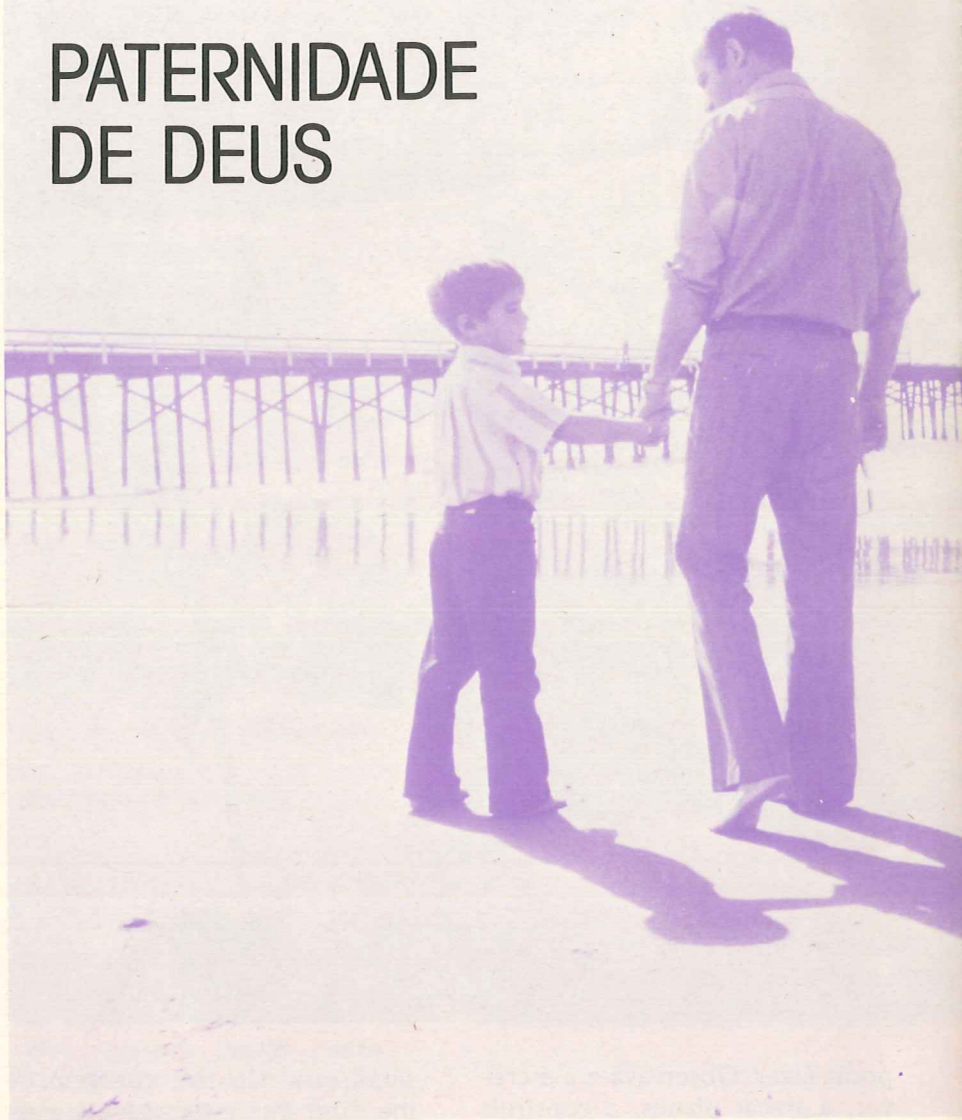
A promessa da paternidade de Deus também é uma promessa de **provisão**. O pai supre as necessidades dos filhos. Jesus assegura que Deus cumprirá fielment esta função. "Vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de" comida, roupa e abrigo. Ele disse que estas coisas seriam por certo fornecidas

àqueles que "buscam primeiro o reino de Deus" (Mateus 6:32-33). A oração familiar "O pão nosso de cada dia nos dá hoje" é dirigida ao "nosso Pai" (Mateus 6:9, 11). Deus deseja acudir às necessidades dos Seus filhos. Você pode contar com Ele.

A promessa inclui **disciplina**. A Sagrada Escritura esclarece que os pais têm a responsabilidade de corrigir os filhos. Deus ama-nos muito e não permite que nos tornemos meninos mimalhos. Como "Pai dos espíritos", Ele disciplina-nos "para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade" (Hebreus 12:9-10). O Antigo Testamento fala de Adonias que cresceu arrogante e volúvel

porque o pai nunca lhe pedira contas de suas acções. Deus não é simplório nem louco. Dar-nos-á com certeza tanto o castigo como o pão.

Tal perspectiva leva-nos a esta verdade—a promessa inclui **santidade**. Deus não somente quer filhos, mas filhos que se assemelhem a seu Pai. "Como filhos obedientes", escreveu Pedro, "sede vós, também, santos, em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:14-16). A santidade é o impulso da promessa divina de paternidade. Deus convida a afastar-nos de tudo o que é "impuro" como condição de boas-vindas. E a promes-





as crianças no êxodo

—Luis D. Salem

sa é seguida da exortação: “Amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus” (II Coríntios 7:1).

Ainda mais: esta paternidade prometida implica o **céu**. O pai provê um lar para a família. Jesus disse que ia “preparar um lugar” para nós na “casa de Seu Pai”. Um dia Ele “voltará” e dar-nos-á as boas-vindas nesse lar eterno. Com razão os santos do passado se referiam à morte como ir para o lar!

Que Deus nos dê pais terrenos nos quais se reflecte o amor do Pai celestial! □

As Sagradas Escrituras dão ênfase às crianças. Há na Bíblia quatro livros que principiam com o esboço biográfico de meninos extraordinários: Êxodo, I Samuel, os Evangelhos de Mateus e de Lucas. Os meninos são: Moisés, Samuel e Jesus. O Êxodo fala de Moisés; I Samuel dum líder que deu o nome ao livro; Mateus e Lucas apresentam muitos pormenores da infância de Jesus.

“Estes, pois, são os nomes dos filhos de Israel, que entraram no Egito com Jacó; cada um entrou com sua casa” (Êxodo 1:1). É óbvia a presença das crianças, logo no primeiro versículo. Fala de famílias, não

de indivíduos. É de admirar o sentido de unidade familiar, especialmente na nossa época de “independência individual”. Talvez pela ânsia de “liberdade” é que hoje os filhos se revoltam contra os pais e defendem ideologias contrárias ou, simplesmente, vegetam sem qualquer ideal!

Tem sido árdua a luta para se manter a unidade familiar. O Êxodo contém alguns versículos que demonstram esta verdade. Um deles revela como Moisés só por milagre ficou ao cuidado de seus pais (Êxodo 2:1-10). Com receio de que Faraó não deixasse partir as crianças, o povo explicitou: “Havemos de ir com os nossos meninos” (Êxodo 10:9). Mas Faraó respondeu: “Seja o Senhor convosco, caso eu vos deixe ir, e as crianças” (10:10). Finalmente cedeu: “Ide, servi ao Senhor; somente fiquem as vossas ovelhas e as vossas vacas; vão também convosco as vossas crianças” (Êxodo 10:24).

Como parte integrante da sociedade, também às crianças corresponde a frase: “Sereis a minha propriedade peculiar de entre todos os povos” (19:5). A luta pela liberdade foi dura, razão pela qual as crianças usufruíam de protecção especial. Talvez por isso só se incluísem na lista da saída do Egito os varões aptos para a guerra—600.000—“sem contar os meninos”. Moisés, como marido e pai responsável, levou consigo para o Egito a esposa e os filhos. Mas, prevendo que eles iam sofrer, fê-los regressar a casa do avô em Midiã, onde estariam livres de perigo (18:1-7).

O próprio Moisés tinha nascido em tempos perigosos. Nos seus primeiros dias fora ameaçado de morte (1:8—2:10). O mesmo quadro ainda hoje se repete. Muitas crianças nascem rodeadas de perigo—falta de amor e de pão, no meio de miséria e de doenças. Que fazer

para as ajudar? Como cristãos, procuremos imitar o grupo de mulheres que se uniram para salvar Moisés.

1. Toda a criança ao vir a este mundo encontra um ambiente hostil. O rei do Egito disse às parteiras: "Quando ajudardes as hebreias, e as virdes sobre os assentos, se for filho, matai-o; mas se for filha, então viva" (Êxodo 1:16).

2. O menino precisa de ser protegido pelos pais, pelo governo e pela sociedade. A filha de Faraó disse: Leva este menino e cria-mo... E a mulher tomou o menino, e criou-o" (2:9). As entidades citadas—pais, governo e sociedade—contribuíram para salvar Moisés. Os pais (2:2, 8-10), o estado [representado pela princesa egípcia (2:10)] e a sociedade [representada pelas parteiras (1:18-20), pela irmã do menino (2:4-8) e pelas donzelas (2:5) que acompanhavam a princesa], formaram uma unidade preciosa.

3. Todas as crianças precisam de ser resguardadas do perigo que ameaça destruí-las física, espiritual e intelectualmente: "Das águas o tenho tirado" (2:10).

4. Os filhos devem ser educados pelos pais no caminho de Deus e no amor à Pátria: "Leva este menino e cria-mo; eu te darei teu salário" (2:9). A princesa assemelha-se aqui a muitas mães modernas que entregam os filhos a jardins de infância ou a escolas particulares.

Moisés recebeu excelente instrução por parte dos pais e do estado. Foi no lar que reconheceu seu povo e, depois, procurou defendê-lo (2:14-15). A instrução que recebeu do estado resume-se nestas palavras: "Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios; e era poderoso em suas palavras e obras" (Actos 7:22). "Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra" (Números 12:3). □

o homem louco

Uma das parábolas mais dramáticas, emocionantes e, ao mesmo tempo, patéticas, da literatura secular ou sagrada, é a que Jesus contou e se encontra em Lucas 12:16-20.

Chegamos ao clímax do relato quando Deus chama "louco" ao personagem principal.

Chamar de louco a alguém é dar-lhe o pior rótulo que se pode aplicar a um ser humano, porque a expressão se refere tanto ao seu carácter como à sua mente.

Por que é que Deus chamou a este rico de "louco"?

1. Porque o homem permitia que a sua vida fosse controlada pelas coisas exteriores. Ou, por outras palavras, permitia que os valores "interiores" fossem dominados pelas coisas de fora.

Seu celeiro, suas colheitas, seus frutos, seus bens, suas coisas, eram mais importantes para ele do que a própria alma. Ele não tinha tempo para o cultivo espiritual. Os preços, o dinheiro, o lucro e o prazer preocupavam-no mais do que uma boa consciência, um espírito purificado ou um coração limpo.

O que ele possuía era mais importante do que aquilo que ele era. Seus celeiros tinham de ser maiores, embora a sua alma encolhesse.

O amor, a compaixão, a fé, a alegria, a paz, a felicidade, não significavam tanto para este rico como a grandeza, os preços elevados, o poder e o prazer.

Estava completamente dominado pelos bens materiais. É uma das razões pelas quais Deus o rotulou de "louco".

2. Este rico confiava exclusivamente em si mesmo. Não reconhecia a dependência de outras pessoas ou de Deus. Estava, por completo, envolto em si mesmo. As coisas importantes eram os seus desejos, os seus prazeres, os seus frutos, as suas realizações. Tornara-se arrogante, egoísta, independente, vaidoso e auto-suficiente.

Roger Babson, grande perito em cotações de títulos e famoso estatístico, conta a audiência que teve com o presidente dum país sul-americano.

Ao falarem sobre o alto e o baixo padrão de vida existentes nas Américas, o presidente comentou: "Deixe-me dizer-lhe o que penso. Os espanhóis vieram para a América do Sul em busca do ouro (*gold*, em inglês), enquanto que os peregrinos chegaram à América do Norte em busca de Deus (*God*).

Em inglês, entre uma palavra e outra, a diferença é apenas uma letra —*gold*, ouro e *God*, Deus—porém uma eternidade de diferença no significado.

a segunda missão

—Sérgio Franco

—Russell de Long

No nosso mundo existem apenas duas classes de pessoas—as que *ganham* e as que *dão*.

Os que *querem ganhar* procuram o ouro e o que este pode fazer para satisfazer e dar emoções ao corpo. Os que *querem dar* buscam a Deus e ao que Ele pode fazer para satisfazer e inspirar a alma.

O homem rico pertencia à primeira classe, a dos que *querem ganhar*; e Deus chamou-o “louco”.

Jesus disse: “Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á” (Mateus 10:39).

O rico encontrou o que queria, mas perdeu aquilo de que precisava.

3. Jesus rotulou o homem de “louco” porque não depositara confiança em Deus. Agira como se Deus não existisse. Fora um ingrato. Recolhera toda a nata da economia e ansiara por mais.

Nunca fora ao templo. Nunca celebrara culto familiar. Jamais dera graças à hora da refeição. Vivera como ateu e portara-se como qualquer irracional.

Duas vezes o Salmista declara: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus” (Salmos 14:1 e 53:1).

O rico cometeu três erros trágicos:

1) Esqueceu-se da própria alma, gastando todo o tempo na obtenção de riquezas materiais.

2) Esqueceu-se de Deus.

3) Julgou que Deus o tinha esquecido: “Tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come e bebe, e regala-te” (Lucas 12:19). Ele possuía coisas em abundância e julgava-se também dono do tempo. Ele viveria à grande até ao fim—viajaria pelo mundo, comeria alimentos exóticos, beberia do melhor e fartar-se-ia de sensualidade.

Bastante tempo! Bastante dinheiro! Muitas emoções!

Num momento, porém, Deus rompeu o silêncio e trovejou-lhe, por assim dizer, aos ouvidos: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma” (Lucas 12:20).

Estarás tu a cometer os mesmos erros trágicos? Esqueceste a tua alma? Ter-te-ás esquecido de Deus?

Não incorras no terceiro erro. Não julgues que, porque Deus está em silêncio, que Ele esteja morto ou não tenha interesse. Deus não te esqueceu. Ele poderia clamar hoje mesmo: “Louco! Chegou a tua vez! Hoje deixarás o que tens e enfrentarás o Deus que ignoraste”.

Enquanto há tempo, busca ao Senhor. Não sejas louco. Sê sábio. □

O Evangelho de Mateus termina com uma declaração de Jesus Cristo que é como a explosão dum vulcão.

É-me dado todo o poder, no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo;

ensinando-as a guardar todas as coisas que vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos (28:18-20).

Como rios de lava, a verdade jorra deste cume. Que variedade e riqueza de conceitos! Entretanto, o tema

leva-nos a reduzir o foco.

A grande declaração

A primeira frase é a grande declaração da qual dependem as outras. Jesus ressuscitou e venceu a morte. Agora é-Lhe dado todo o poder, em todos os domínios. Di-lo especificamente para que não haja dúvida: “No céu e na terra”. O Rei reina. E como Rei dá ordens.

A grande comissão

O Rei que tem todo o poder dá ordem de marcha aos súbditos. É precisamente o que temos aqui. Neste versículo encontramos instruções precisas sobre o que devemos fazer para que o reino seja uma realidade. O Rei já fez a Sua parte. Agora cabe-nos fazer a nossa.

Que é precisamente o que se nos manda fazer? O Dr. William Greathouse escreve que “além dos evangelhos anunciarem as boas novas ao mundo (o evangelho), são ao mesmo tempo proclamação (*kerygma*), ensino (*didache*) e consolação (*paraclesis*) para a comunidade cristã”.

É-nos ordenado (não simplesmente sugerido) que *preguemos, ensinemos e consolemos*. Na mente divina, o nosso programa e as nossas actividades devem incluir as três expressões. Por se tratar de ordens dum Rei a quem foi dado todo o poder, não nos compete perguntar a razão nem discutir prioridades. Começamos a *pregar*, mas continuamos a *ensinar* e terminamos a *consolar*. A nível de Criador-criatura, cabe-nos obedecer.

É uma generalização, mas válida até certo ponto, que precisamos da proclamação para nos entregarmos; do ensino, para aprendermos a nova fé; e da consolação, para aliviarmos as chagas do caminho.

A grande omissão

Mas, inconscientemente, temos mutilado o mandato—pelo

menos na prática. Aplicamo-lo exclusivamente à pregação. Na prática, o que nos interessa é a mensagem. Os restantes—adoração, ensino, costumes—são “secundários”. A chamada para servir tem-se interpretado quase sempre como “chamada para pregar”.

Claro que a pregação é importante. Pelo milagre da pregação Deus torna-Se presente no meio do Seu povo. Contudo, procuremos vincar a importância do ensino.

A própria pregação depende daquilo que os ouvintes compreendem ser o evangelho.

A compreensão é função do ensino. Na conversão as pessoas integram-se na igreja; mas, para saberem o que ela é e deve ser, necessitam do ensino. As coisas velhas já passaram, no entanto há que aprender as novas. Sempre o ensino precede ou segue a proclamação.

Historicamente experimentamos uma crise. Por ter havido cristãos que descuraram o evangelismo e exaltaram o ensino, caímos no lado oposto.

Isto apesar de J. B. Chapman declarar que “a consciência é a criatura da educação”; e de R. T. Williams acrescentar que a própria operação da graça “depende do conhecimento”. Sobretudo, é o apóstolo Paulo que nos tira todas as dúvidas: “Aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino”. Antes tinha declarado: “Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo” (I Timóteo 4:13, 16).

Nenhuma igreja é mais forte que o seu programa de ensino da fé. Jesus veio pregar, ensinar e curar. Alguns de nós, sem o merecer, fomos chamados para pregar. Mas todos os crentes são chamados para ensinar—e consolar.

Diga-o você com firmeza, humildade e nova compreensão: “Eu sou chamados para ensinar”. □

lições que meu pai me ensinou



—Earl C. Wolf



Dou graças a Deus pelo meu pai/pregador cuja influência na minha vida permanece como o clarão no céu após um maravilhoso pôr-do-sol. Era um homem genial e bom. Não possuía muita instrução formal, mas estava sempre disposto a aprender e a melhorar a vida.

Das gratas recordações que conservo desse tempo, sobressaem quatro lições que meu pai me ensinou.

1. A verdadeira felicidade só se encontra *fazendo a vontade de Deus*. Em anos passados meu pai sentira a chamada de Deus para o ministério cristão. Mas, enquanto novo, despendera a maior parte dos anos activos de sua vida num serviço secular.

Só pouco depois dos quarenta anos, começou a assistir à Igreja do Nazareno. Foi salvo e santificado. Nessa altura sentiu de novo a chamada para pregar. Imediatamente empreendeu a tarefa de se preparar para responder à chamada e recuperar os anos perdidos. Trabalhava durante o dia numa fábrica de aço. À noite impôs-se a obrigação de completar o curso de estudos para o ministério.

Quando se abriu um novo trabalho de missão doméstica, ele foi apontado como pastor. Deixou o emprego vantajoso na fábrica de aço e levou consigo a família para o local do ministério. Nos anos que se seguiram de “difícil desbravamento”, ele manteve uma alegria que eu na minha adolescência não podia compreender.

Perguntei-lhe: “Pai, não pensa que poderia conservar o bom emprego na fábrica de aço e utilizar o dinheiro para as despesas da igreja, ajudar missionários noutros países e contribuir para a causa de Cristo?”

Nunca poderei esquecer a sua resposta: “Não. Eu nunca conheci tamanha felicidade como a que encontrei ao fazer a vontade de Deus”. Ensinou-me a seguir de

perto a vontade de Deus para a minha vida.

2. Meu pai ensinou-me que se alguém crê realmente na sua religião, desejará *sacrificar-se* por ela.

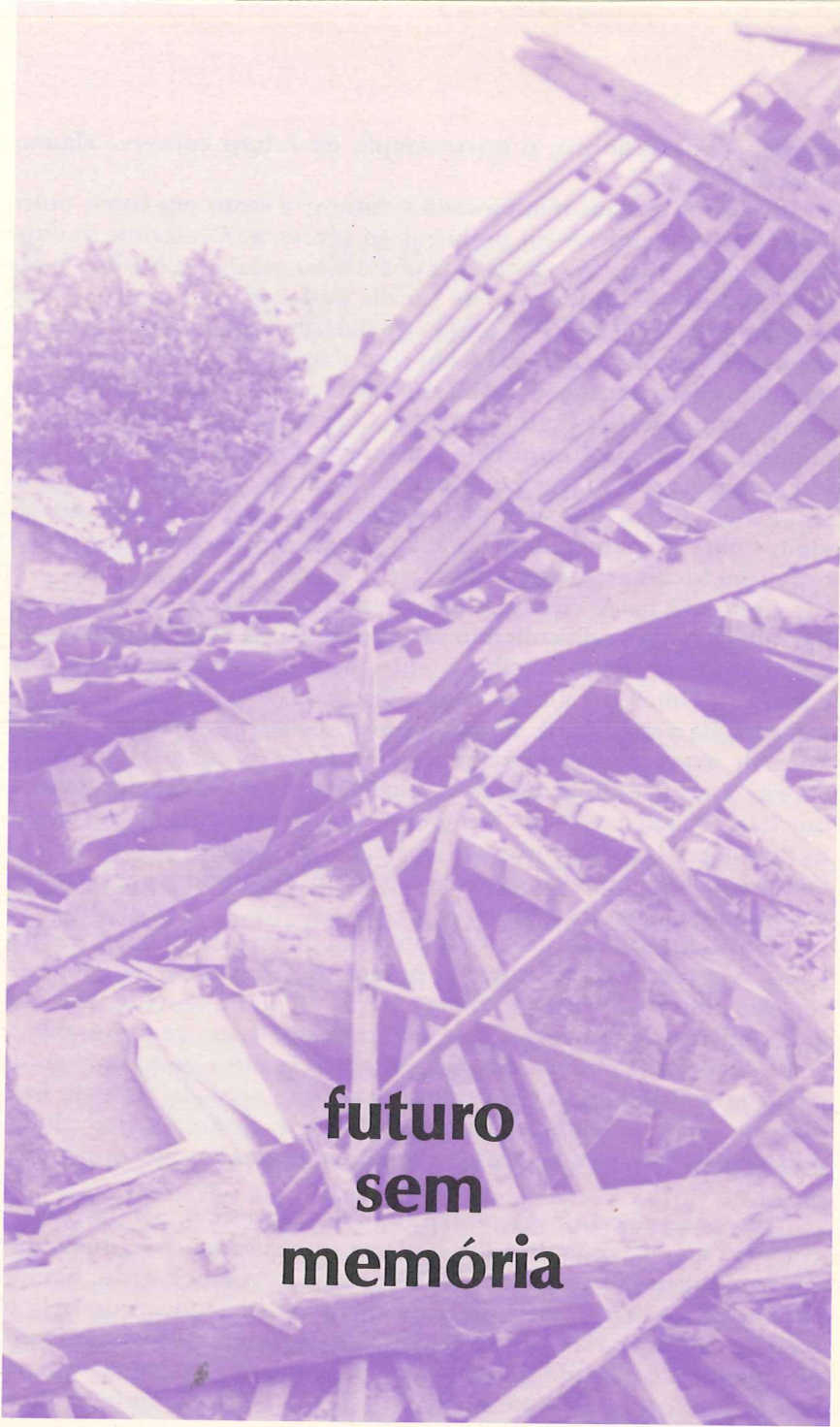
Para cumprir a chamada de pregar, meu pai deixou o emprego, vendeu a casa e dedicou-se por completo a Deus, à família e à obra da igreja. Embora vivendo com sacrifício, nunca se queixou. Uma religião que não custa, nada vale. Uma "graça barata" não é "graça maravilhosa".

3. Meu pai também me ensinou que existe uma *mordomia* do corpo. Por exemplo, costumava chamar aos cigarros, "pregos de caixão". Nesse tempo ele não tinha a evidência científica do perigo de fumar para a saúde, como nós hoje. Muitos diziam que ele "pregava com sinceridade". E o que eles declaravam era com fundamento. Ele entendia profundamente a mordomia do corpo. Reconhecia que o uso do tabaco contaminava o organismo e era prejudicial aos outros que tinham de respirar o ar poluído.

Por este raciocínio, ninguém tinha o direito de destruir o corpo com hábitos nocivos. Ele tratava o corpo como verdadeiro "templo do Espírito Santo" (I Coríntios 6: 19). Estava convencido de que toda a pessoa é responsável pelo abuso e a profanação do seu corpo.

4. Finalmente, meu pai ensinou-me que o *verdadeiro valor* dum indivíduo não se calcula pelos recursos materiais. Nos anos mais custosos do seu ministério, ele recusou ser objecto de auto-compaixão. Pertencia a Deus e ocupava-se em fazer a Sua vontade.

Meu pai nunca se considerou um "pobre pregador". Quando não tinha moedas no bolso, colocava nele pregos e fazia-os tilintar. Sempre caminhou firme no regozijo cristão. Foi um homem totalmente de Deus, feliz por sê-lo e por poder testemunhar de Cristo. □



futuro sem memória

Causou grande celeuma o derrubamento de alguns casarões antigos numa certa avenida da cidade. Alguns acharam que tais edifícios eram pesos mortos que atrapalhavam o progresso. Outros, porém, opinaram que a cidade não podia dar-se ao luxo de destruir o seu passado, deixando o *futuro sem memória*.

Isto fez-me lembrar de que numa das nossas igrejas, um missionário em serviço quis aproveitar o soalho do antigo templo nas novas instalações que construíam. A igreja dividiu-se. Os mais velhos acharam que não se devia destruir aquilo que lhes lembrava dias difíceis de perseguição. Chegou a minha vez de opinar, como pastor assistente: "Irmãos, alguns dos membros já não devem ter muito tempo de vida e os novos não estão ligados a este passado de gratas recordações. Além disso, se as tábuas deste soalho forem colocadas junto do novo altar, perto da plataforma, os velhos estarão ainda a pisar e a ajoelhar-se no mesmo piso de há cinquenta anos. Este parecer resolveu a

questão e, dessa forma, o novo templo do futuro conserva alguma coisa do passado.

Todos os cristãos têm passado e futuro; e tanto um como outro pode trazer benefícios ou prejuízos ao presente. O escritor de Provérbios (4:18) diz: "A vereda dos justos (seu presente) é como a luz da aurora que vai brilhando até ser dia perfeito" (seu futuro). Paulo tratara de forma decisiva a questão do passado e do futuro: "Se esperamos em Cristo só nesta vida (com recordações do passado e um presente tão cheio de aflições), somos os mais miseráveis de todos os homens" (sem futuro, I Coríntios 15:19). O Apóstolo, defensor acérrimo dum futuro glorioso, aconselha a esquecer as coisas que atrás ficam (do passado): recordações que podem atrapalhar o progresso espiritual e até o físico, com úlceras, insónias, falta de apetite. Sabemos de muita gente que ao colocar no altar ressentimentos e frustrações recebeu em troca cura e alegria de viver.

Creio não haver cristão que em certo tempo não acarinhasse sentimentos negativos dificultando seu progresso na vida espiritual. Afinal, o propósito do Evangelho é, entre outras coisas, "uma boa consciência" (I Timóteo 1:5). Uma boa consciência tem muito a ver com o passado. Há pessoas que ainda têm quadros velhos, vestidos antigos, flores de papel amarelado, bonecas, etc., no sótão, cobertos de poeira. De vez em quando, fazem visitas nostálgicas para rever um passado que não volta mais e tende a empobrecer o presente. Paulo recomenda "esquecer" para "prosseguir", derrubar para erigir, desprezar para não atrapalhar. Aqueles casarões no meio de arranha-céus moderníssimos atrapalhavam o futuro.

Contudo, há lugar para a conservação dum passado que não atrapalha o presente e até ajuda o progresso espiritual. Pessoalmente, recordo com muita emoção o dia em que fui gloriosamente salvo numa humilde sala duma casa que já não existe. Passei da morte para a vida! Recordo também a ocasião em que o Espírito Santo encheu de paz o meu coração, santificando-o, para que verdadeiramente livre pudesse servir ao Senhor. Também recordo as ajudas "extras" do Espírito encorajando-me a prosseguir. Quem poderá esquecer tais ocasiões!

Um colega costumava cantar junto do altar: "Oh, não me deixes esquecer aquela visão do Filho de Deus, pregado na cruz, morrendo em meu lugar". Ele cantava com lágrimas e eu, emocionado, beneficiava dum "passado" não somente meu, mas de todos que pela fé aceitam Cristo. Havia naquele cantar algo que somente mais tarde pude entender: o passado somente ajuda aos que no presente vivem para o futuro; porque a "nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido para ser conforme o seu corpo glorioso" (Filipenses 3:20-21).

Um passado para recordar, somente debaixo do sangue de Jesus. Futuro sem memória, somente condicionado a Cristo: não haverá lembrança de coisas passadas, porque... "Já as primeiras coisas são passadas" (Apocalipse 21:4). A certeza da vida eterna, ainda que "o nosso homem exterior se corrompa", produz grande emoção na alma, pois somos no interior "renovados de dia em dia"; e ainda que "este tabernáculo" se desfaça temos "de Deus... uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (II Coríntios 4:16—5:1). Será este o futuro que você espera—ou há um passado que atrapalha o seu presente e embacia o futuro?

□



—Eudo T. de Almeida

dois num só

—Jan S. Lanham

Alguns fariseus teriam pensado que seria bom apresentar a Jesus o tema casamento/divórcio. Conseguiriam eles que o Mestre tomasse posição contra a lei de Moisés? Que faria Ele perante a letra da lei? "Os fariseus perguntaram-lhe, tentando-o: É lícito ao homem repudiar sua mulher? Mas Ele, respondendo, disse-lhes: Que vos mandou Moisés? E eles disseram: Moisés permitiu escrever carta de divórcio, e repudiar" (Marcos 10:2-4).

Nesse tempo existiam na comunidade judaica várias escolas de pensamento quanto à legalidade do divórcio. Alguns defendiam, como base suficiente para o divórcio a esposa desagradar ao marido. Outros só o permitiam no caso de adultério.

Em ambos os casos, a mulher ficava à mercê do marido e com fracos recursos para evitar o repúdio. Por isso a esposa sofria desonras e algumas vezes crueldades.

Jesus podia ter-Se limitado à letra da lei. Mas preferiu falar do espírito da lei e do propósito de Deus referente ao matrimônio. "Jesus, respondendo, disse-lhes: Pela dureza dos vossos corações, vos deixou ele escrito esse mandamento: porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea. Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á a sua mulher, e serão os dois uma só carne: e assim já não serão dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem" (Marcos 10:5-9).

Jesus elevou o nível duma discussão simplesmente legal até o que Deus desejava para a Sua criação. Procedendo assim, mostrou o Seu cuidado e interesse pelas pessoas como indivíduos, tanto homens como mulheres.



Ao salientar a santidade e a gravidade do compromisso do casamento, Ele sublimou a união conjugal muito além de considerações legais.

Que significará "tornar-se um só"?

Tendemos a pensar logo na unidade da relação sexual, mas existirão outros significados? Espero que isto não implique que apenas uma pessoa conte (quer seja o homem ou a mulher). Existe uma unidade completa que surge dum consórcio orientado por Deus em que o valor de cada pessoa é igual e imenso.

No centro dessa unidade, dessa identidade, situa-se o mandamento de "amar o próximo (o marido ou a esposa) como a si mesmo" (Marcos 12:31). Quando nos tornamos um só, tratamo-nos um ao outro como queremos que nos tratem a nós. O marido e a esposa respeitam-se e amam-se mutuamente como filhos de Deus aos quais Ele atribui dons e a quem deu tarefas no Seu reino.

Somos um no compromisso de trabalhar juntos, de resolver diferenças e de encorajamento mútuo. Somos um no foco de afeição e de fidelidade. Somos um em graça e perdão. Somos um no esforço de curar feridas e de preencher lacunas.

Pai, ajuda-nos a não nos fecharmos dentro da letra da lei, a ponto de perder o seu espírito de interesse pelos outros! Seja qual for o lado da questão do divórcio em que nos situemos, recorda-nos Tu a primazia do indivíduo perante a lei e o poder do Teu perdão e graça. Permite-nos captar uma visão da qualidade de relação que Tu desejas para o Teu povo. Ajuda-nos a compreender verdadeiramente o que significa tornar-se um só. □

incerteza da hora presente

—Mariano Gonzalez

Dentro em breve chegaremos ao ano dois mil da era cristã. Estamos numa época da história chamada "século das luzes". O brilho da ciência, da tecnologia, dos meios de transporte e de comunicação atingiu forte intensidade. Os anúncios multicores dos centros comerciais parecem indicar que estamos realmente no "século das luzes".

No entanto, observemos com objectividade: assassinatos e atentados, pirataria aérea e naval, uso indiscriminado de drogas, assaltos nas ruas a pessoas indefesas, abuso sexual e tantos outros males. Chegamos à conclusão de que não é o século das luzes, pois a humanidade encontra-se na mais densa treva.

Ao escrever sobre o império romano, Eduardo Gibbon apontou cinco razões que contribuíram para a sua queda:

1. Desprezo pela dignidade e santidade do lar como base da sociedade humana.
2. Impostos cada vez mais elevados e gasto do herário público em comezainas e circos para divertir o povo.
3. Euforia colectiva de prazeres e prática de desportos excitantes e violentos.
4. Corrida de armamento, para combater o inimigo de fora, descurando o de dentro.
5. Decadência da fé religiosa, degenerada em formalismo e perda de poder espiritual para orientar o povo.

Estas razões assemelham-se às do mundo actual. As circunstâncias em que vivemos levam-nos à ansiedade e à insegurança.

Reina por vezes tensão familiar. Os esposos não se entendem. Falha a comunicação entre pais e filhos. A inflação e outros problemas económicos ensombram o comércio e a indústria. Por toda a parte se depara com a pergunta: Qual o próximo acontecimento na agenda da humanidade? Até onde chegará o estado actual das coisas? Que estará por acontecer? Quando? Com que intensidade? A quem afectará? Quem ficará isento?

A Bíblia menciona o evento transcendental dos séculos: a segunda vinda e o reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Tanto o Antigo como o Novo Testamentos narram em pormenor o que ocorrerá antes, durante e depois da chegada de Jesus. Então "seremos arrebatados nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares" (I Tessalonicenses 4:17); e a aparição de Cristo na terra instaurará um período de prosperidade, justiça social e paz.

A segunda vinda de Cristo representa a vitória final e definitiva do crente. Mas... que será do pecador? Para aquele que não se arrependeu e que carece de fé salvadora no Cordeiro de Deus, apenas restará juízo e condenação.

Você, hoje mesmo, pode evitar a condenação. Renove a esperança na vinda do Senhor. Entregue-se a Jesus total e incondicionalmente. Ele perdoará seus pecados. Dar-lhe-á a certeza de viver com Ele, não só no século das luzes, mas no lugar de luz: a pátria celestial.

Num acto de fé em Cristo crucificado e ressurrecto, aceite-O no coração. A Bíblia diz: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mateus 3:2). □

PAPUA—NOVA GUINÉ

—Carol Anne Eby



A ilha de Nova Guiné, situada no Pacífico Sul e que se parece a uma ave gigantesca pré-histórica na extremidade da Austrália, é chamada por alguns a "terra que o tempo esqueceu". Eu prefiro considerá-la a "terra lembrada por Deus".

É um país que a Igreja do Nazareno tem conservado no pensamento desde que começou a evangelizar o povo de Papua—Nova Guiné. Do impulso dinâmico das missões nazarenas em Western Highlands, em 1955, com Sidney e Wanda Knox, surgiu uma igreja nacional.

Hoje, a expansão do trabalho missionário traduz em:

- Um hospital com 100 camas inaugurado em 1967. Nele trabalham médicos e enfermeiras bem preparados que tratam anualmente mais de 25.000 doentes. O hospital desenvolveu-se e inclui agora nos seus serviços uma clínica familiar, um departamento de subnutrição, bem como dispensários de crianças em várias povoações onde mais de 9.000 são tratadas e examinadas anualmente.

- Uma escola de enfermagem para preparar enfermeiras diplomadas e auxiliares que dá às mulheres de Papua—Nova Guiné a oportunidade de ajudarem o seu próprio povo através dos serviços hospitalares.

- As missões nazarenas têm procurado desenvolver o intelecto dos nacionais, graças a escolas primárias, programas de instrução para adultos e cursos de actividades e treinamento para professores.

- O Colégio Bíblico Nazareno foi estabelecido em 1974 para preparar pastores nacionais e obreiros cristãos. Começou com um curso de três anos ministrado no dialecto local. Depois passou a funcionar num lote de 24 hectares adjacente ao Highlands Highway. Expandiu-se até ter agora duas secções e dois cursos separados que incluem o ensino da língua inglesa para os pastores destinados a ministrar na cidade, onde é falada.

- A igreja nacional já atingiu o estado de Distrito de Missão Doméstica e espalhou-se desde o princípio pelo Vale Wahgi. Hoje inclui o Vale do Rio Jimi, a área de Kobon de Simbai e os ministérios

das cidades de Mount Hagen nos Highlands Ocidentais, Madang na costa norte e a capital Port Moresby ao sul. De começos muito simples—cultos sem pastores nacionais nem professores de Escola Dominical ou leigos capacitados—passou a uma igreja que hoje ministra a todas as idades, com programas bem organizados.

A Escola Dominical usa lições feitas e publicadas no campo. Também se organizou a Juventude. Tem reuniões a nível distrital, bem como cultos semanais em várias igrejas locais. Em 1977 foi oficialmente organizada em algumas igrejas a SNMM. Para promoção da mesma está a ser publicado material missionário.

Os ministérios para as crianças desenvolvem-se através da educação cristã ministrada nas escolas primárias do governo.

Celebram-se também reuniões de senhoras. Deus tem abençoado os estudos bíblicos e actividades de grupos, promovidas por senhoras das nossas congregações.

A preparação de leigos tem sido um programa importante para a igreja nacional. Foi criado um ministério especial para ensinar a ler cristãos idosos analfabetos que desejam conhecer a Palavra de Deus, mas que nunca conseguiram aprender os símbolos da linguagem nativa.

Papua—Nova Guiné espera tornar-se em breve um Distrito Regular. Em Março de 1977, o Dr. Orville W. Jenkins ordenou os seis primeiros presbíteros. Nessa mesma ocasião, o Rev. Taime Diriye foi o primeiro nacional a ser nomeado superintendente de distrito. Tem na sua área mais de 25 pastores que trabalham em cerca de 50 igrejas e pontos de pregação. O seu zelo e visão quanto à igreja saturam Papua—Nova Guiné com a mensagem de santidade. Planeja-se nesta década atingir o número de 5.000 nazarenos. O Espírito Santo está a actuar na ilha e, pelo Seu poder, alcançaremos o alvo.

Em 1981, Papua—Nova Guiné apresentou um relatório de 1.633 membros e uma média de 4.355 inscritos na Escola Dominical. □

SNMM

Santidade—
Nossa Missão
no Mundo

1980–1985

PERGUNTA RESPOSTA

✓ **Pode explicar-me, por favor, a passagem de Salmo 34:19-20? Significará que nenhuma pessoa justa terá ossos partidos? Outras versões diferem da que usamos habitualmente. Também tenho ouvido que bons cristãos sofrem acidentes e partem ossos.**

Pessoas tementes a Deus sofrem acidentes como quaisquer outras. E há casos em que ficam com os ossos partidos. Não podemos considerar este versículo como uma promessa de que todos os crentes serão poupados de tais ferimentos. As "muitas aflições do justo" (v. 19) podem incluir ossos quebrados. Quando isso acontece, o livramento prometido pressupõe a cura de tais ferimentos.

Tomado à letra, como uma promessa de que os ossos não serão quebrados, o versículo explica-se à luz de João 19:31-34; e é tido como "profecia messiânica" cumprida na crucificação de nosso Senhor.

✓ **Eu conheço alguns ministros e leigos que usam pistola no carro, no hotel e em casa. Poderão fazê-lo como cristãos? Eu não creio que Cristo ou o apóstolo Paulo usassem uma arma de fogo sob qualquer pretexto, mesmo em legítima defesa. Qual é a sua opinião? Terá a nossa igreja uma posição definida sobre o assunto? Mesmo que alguém fosse morto acidentalmente—intruso, ladrão—é uma vida sacrificada. Como poderá um cristão justificar semelhante acção?**

Não existe posição oficial da nossa igreja quanto aos cristãos poderem usar pistola para auto-defesa. Eu nunca a usei e conheci poucas pessoas que a usavam. É possível que as guardem em casa. Contudo, estou apenas a levantar hipóteses.

Eu creio que um cristão tem o direito e a responsabilidade de proteger a sua família contra intrusos que ameacem feri-la ou matá-la. Como a maioria dos cristãos, espero sinceramente que tal situa-

ção nunca ocorra na minha própria vida.

Se um homem mata para evitar ser morto, como os soldados na guerra, ou para defender os seus queridos da morte, penso que não deve ser considerado assassino. Mas eu prefiro deixar a Deus o julgamento de tal acto.

A lei de Moisés proibia matar, no entanto não considerava todos os que matavam como assassinos, pois o mesmo Deus que disse "Não matarás" (Êxodo 20:13), também enviou adiante o exército de Israel para matar. E a própria letra da lei que proibia assassinar, prescrevia a pena capital para vários crimes. A lei de Deus reconhecia casos de "homicídio justificável".

Mesmo em auto-defesa ou na de mais alguém, é preferível usar outros meios que evitem a morte. A questão é se a alternativa se encontrará sempre ao dispor.

✓ **O apóstolo Paulo pregou em vários países. Eu sei que ele era judeu, cidadão romano e homem instruído; por isso, devia falar hebraico, latim e grego. Mas como podia pregar a pessoas de outros idiomas? Alguém disse que ele possuía o dom de línguas, que o Senhor lhe concedera sabedoria para falar e compreender os idiomas dos locais aonde ele ia espalhar a Palavra de Deus. Explique-me isso, por favor.**

Ao consultar um mapa e o Livro de Actos, você verá que aonde Paulo chegou, bastavam-lhe o hebreu (ou aramaico) e o grego para conversar e pregar. Nesse tempo, o grego era uma língua "universal", usada quase em toda a parte. Não temos registo de Paulo possuir de forma milagrosa o dom de línguas, embora, naturalmente, não possamos excluir a possibilidade à luz de (1) Pentecostes (Actos 2:4-11) e (2) do poder soberano de Deus. □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o
Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.



JÁ NÃO É SEGREDO!

Todos preferem o nosso material para a Escola Dominical

Para Crianças
Jardim de Infância

Assinatura anual—U.S. \$2.00

Lições Bíblicas para Principiantes

Gotas de Ouro

Assinatura anual—U.S. \$2.00

Para Estudo

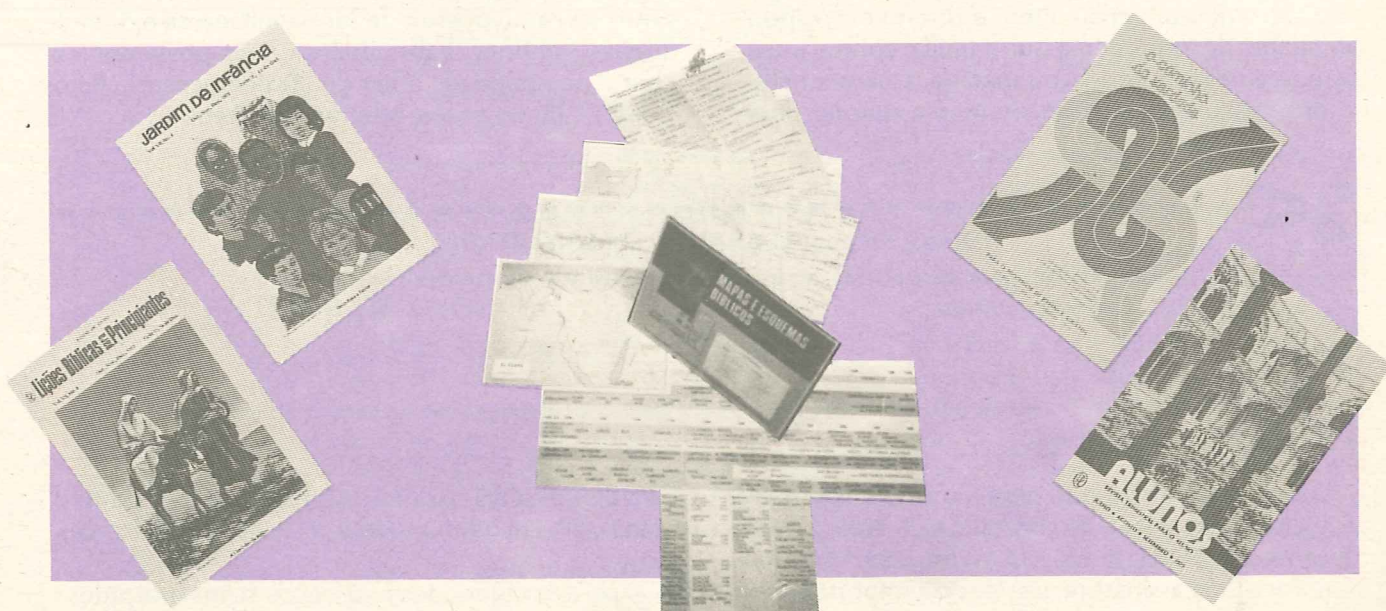
**MAPAS
E ESQUEMAS
BÍBLICOS**

—U.S. \$6.00

Para Jovens e Adultos
O Caminho da Verdade
(Para Professores)
Assinatura—U.S. \$2.00

Alunos

Assinatura anual—U.S. \$1.50



Pedidos à **CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES**